

The Arabic Version of the Nicomachean Ethics, Edited by Anna A. Akasoy and Alexander Fidora with an Introduction and Annotated Translation by Douglas M. Dunlop, (Aristoteles Semitico-Latinus, 17), E.J. Brill, Leiden 2005; XVI + 624 pp.; 210 €; ISBN 90 04 14647 4.

Há livros de tanta e tão surpreendente aventura que a sua história quase podia ser tomada por boa ficção. É o caso da tradução árabe da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles, que agora chegou a esta edição impressa, com tradução inglesa e uma notável introdução. É conhecida a influência que esta obra de Aristóteles exerceu em pensadores de língua árabe, em particular na Idade Média, mas até recentemente desconhecia-se o texto da tradução árabe medieval. O único manuscrito, datado de 619 da era da Hégira (Outubro de 1222 da era de Cristo) tem duas partes separadas e foi descoberto na Biblioteca de Fez em dois momentos sucessivos e por dois diferentes arabistas, a primeira parte no inverno de 1951-1952 por Arthur J. Arberry, a segunda por Douglas D. Dunlop no Verão de 1959. As duas partes do manuscrito em papel (Fez, Quarawîyn, L 2508/80 e L 3043/80), hoje de dimensões diferentes por corte das margens, tiveram sérias deteriorações desde a sua descoberta, por vermes e maus cuidados de conservação, que entretanto tornaram ilegíveis muitos pontos do texto. Após a descoberta, os dois arabistas continuaram a estudar este manuscrito único, com Arberry a preparar uma edição crítica do texto árabe e Dunlop a fazer a tradução para inglês, com a sua própria leitura do manuscrito e usando materiais que obtinha de Arberry. Contudo, este trabalho de colaboração não terminou porque ambos morreram antes da respectiva conclusão, Arberry em 1969, Dunlop em 1987. A transcrição e edição de Arberry parecem ter-se perdido (assim como não foram localizadas as fotografias que usou e que permitiriam resolver as lacunas que hoje o manuscrito tem). Melhor sorte teve a tradução de Dunlop que, pouco antes da sua morte, foi entregue a Malcolm C. Lyons da Cambridge University Press, que após o desaparecimento de Dunlop a propôs às edições Brill para publicação. Questões técnicas foram adiando a sua publicação, tendo o texto ficado nas mãos de Hans Daiber, editor da colecção "Islamic Theology and Philosophy" e também co-editor da série "Aristoteles Semitico-Latinus". Finalmente, Daiber encorajou Anna Akasoy e Alexander Fidora para a realização de uma nova edição crítica do texto árabe, a acompanhar da tradução inglesa de Dunlop e da respectiva introdução. O resultado desse desafio é este volume.

A edição crítica do texto árabe é da responsabilidade de Anna A. Akasoy, doutorada em 2005 em Estudos Orientais pela Universidade de Frankfurt, com uma tese que acaba de ser publicada também nas edições Brill, de Leiden, *Philosophie und Mystik in der Almohadenzeit. Die Sizilianischen Fragen des Ibn Sabin* (colecção Islamic Philoso-

phy, Theology and Science. Texts and Studies, 59) e que actualmente é investigadora assistente no Warburg Institute de Londres. Dada a deterioração do manuscrito único, que em alguns pontos impossibilita a leitura conveniente do texto, este foi nesses casos reconstruído por conjectura, a partir da tradução de Dunlop (cfr. p. IX). O texto árabe havia já sido também editado por ‘Abdurrahmân Badawi, (*Kitâb al-akhlâq*, Kuwait 1979), estando as mais significativas divergências de leitura assinaladas no aparato crítico.

A longa introdução de Dunlop, não revista em provas pelo autor, foi depurada dos erros evidentes e foi actualizada em algumas referências bibliográficas. Nesta tarefa e na de revisão da tradução, de onde foram eliminadas observações sobre o texto árabe, transferidas para o aparato da edição, colaborou Alexander Fidora, doutorado em 2003 na Universidade de Frankfurt, onde ensina Filosofia Medieval, autor de numerosos estudos sobre a influência árabe no mundo latino, nomeadamente a sua tese de doutoramento: *Die wissenschaftstheorie des Dominicus Gundissalinus*, (Berlim 2003). Esta edição bilingue árabe-inglês da *Ética a Nicómaco* foi aliás apresentada por A. Fidora numa conferência em 2005 no Departamento de Filosofia da Faculdade de Letras, organizada pelo Gabinete de Filosofia Medieval.

Na Introdução (pp. 1-109) Dunlop discute as características desta tradução que apesar de alguns defeitos ocasionais, considera notável. A tradução é muito mais antiga que o manuscrito, sendo situada nos séculos III-IV da Hégira (s. IX-X d.C.). A discussão da recepção desta tradução na filosofia e na teologia de autores de língua árabe (onde se incluem persas e judeus) é verdadeiramente notável, ocupando as pp. 6-55 com uma documentadíssima análise das referências textuais ou indirectas a esta tradução desde al-Kindî até Averróis, passando por autores como Algazel, Avicena, Ibn Tufail, Maimónides, entre muitos outros. Um dos aspectos mais salientes da tradução é a inclusão de um livro adicional, porque, além dos 10 livros habituais, existe aqui um “Sétimo livro” apócrifo, inserido entre os livros VI e VII, cuja história é minuciosamente traçada. A este livro adicional falta o início e o fim, que estão muito lacunares, o que eliminou as habituais identificações e invocações que podemos ler nos outros livros, e que ajudariam à sua identificação. Este “Sétimo livro” ocupa-se das virtudes éticas e dos vícios discutidos por Aristóteles nos livros III-V, mas muitas das virtudes têm nomes diferentes dos que aparecem no texto de Aristóteles. E numa das passagens é criticamente referida o erro ridículo dos “cristãos”, contrapostos à correcção dos legisladores, porque aqueles defenderiam que o que é espancado com chicote teria mais bem. A referência aos “cristãos” denuncia o carácter apócrifo e tardio do texto. Para Dunlop a existência de referências no *Fibris* de Ibn al-Nadîm e no *Kitâb as-sa’âdab wa’l-is’âd* de Al ‘Âmirî (cfr. pp. 23-26), a uma tradução árabe realizada por Ishâq b. Hunain do comentário de Porfírio, em 12 livros, sobre a *Ética a Nicómaco*, sugere que se pode procurar aí a origem deste “Sétimo livro”, que seria justamente uma versão truncada e modificada da primeira parte do comentário de Porfírio (p. 58). A hipótese tem tanto de interessante como de dificuldade de verificação, pois o texto grego desta obra de Porfírio perdeu-se, bem como a tradução árabe apenas conhecida por citações esporádicas. A tradução árabe foi realizada por Ishâq b. Hunain (p. 27). Uma confirmação indirecta da circulação desse comentário pode ser obtida através de *Summa Alexandrinorum*, um sumário da *Ética a Nicómaco* traduzida do árabe para latim por Hermano Alemão em 1243 ou 44, cujo original árabe se perdeu!, apesar de ser conhecido por cerca de 30 citações literais no *Mukhtâr al-bikam* de al-Mubashshir b. Fâtik, datado de c. 1050 d.C. e em outras fontes. Também a *Summa*

Alexandrinorum tem 11 livros, com um sétimo livro intrusivo que depende do “Sétimo livro” do manuscrito de Fez, mas eliminando os cerca de 20 nomes próprios que neste são citados, o que mostra que Ibn Zur’ah, o provável autor da tradução do que viria a ser a *Summa Alexandrinorum*, ao realizá-la tinha perante si o texto árabe da *Ética a Nicómaco* em 11 livros do manuscrito de Fez (p. 71), tradução que poderá ter feito a partir do siríaco e não directamente do grego. Reconstituindo todas as pistas dadas pelas referências a estas obras e traduções na literatura árabe, Dunlop conclui que o autor da *Summa Alexandrinorum* é o filósofo peripatético Nicolau de Damasco. Por sua vez o texto grego perdido teve uma boa tradução para siríaco (que se perdeu) e daí por Ibn Zur’ah para árabe (que se perdeu), de onde foi traduzido por Hermano Alemão para latim, única versão que sobrevive.

Aparte a admissão da verosimilhança da utilização de uma tradução siríaca para a realização desta tradução árabe, o facto de o manuscrito de Fez ter sido escrito 3 séculos depois da realização da tradução e porque interveio uma mudança da escrita árabe oriental para o árabe magrebino em que se encontra, tornam difícil que esta versão possa oferecer um testemunho representativo do texto grego original (pp. 94-95). Mesmo assim, Dunlop propõe uma minuciosa escavação filológica, plena de virtuosismo e argúcia, para encontrar particularidades do texto grego que serviu de base à tradução, oportunidade para uma comparação que permite identificar omissões, inserções, paráfrases (cfr. pp. 94-109, com que termina a introdução).

O volume inclui no final uma bibliografia selectiva, um glossário grego-árabe dos principais termos filosóficos de Aristóteles, um glossário reverso árabe-grego e o índice de nomes citados na Introdução.

O trabalho colaborativo de Anna Akasoy e de Alexander Fidora permitiram a recuperação e junção à edição crítica do texto árabe o notável trabalho de Douglas Dunlop. A sua tradução é sobremaneira preciosa, sobretudo para os que não temos acesso à língua árabe. E a possibilidade de através dela acedermos a um possível testemunho do comentário de Porfírio sobre a *Ética a Nicómaco*, que se julgava totalmente perdido, dá um suplementar interesse e importância histórico-filosófica a este volume.

J.F. Meirinhos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto